

## 2

### As bases freudianas

#### 2.1

##### A melancolia, primeiras formulações

Chamada, na Antiguidade, de bÍlis negra por seu humor amargo, acolhida como prerrogativa dos poetas e românticos, ou imputada à bruxaria, a melancolia sempre interrogou vários campos de saber em diferentes momentos da cultura. No século XIX a psiquiatria se encontrou com essa antiga e instigante questão. No final do mesmo século, além da pergunta que lhe despertaram as neuroses, a afecção melancólica chama a atenção de Freud e ele a recolhe, então, no campo das doenças psiquiátricas.

Acreditamos ser fundamental para nossa hipótese, nos debruçarmos sobre alguns artigos desse período para, ao longo desse trabalho, traçarmos com Freud as aproximações e a radical diferença entre a melancolia e o luto.

Para tanto, nos valeremos de alguns textos iniciais da década de 1880, nos quais aparecem as primeiras formulações sobre a referida afecção. Acreditamos poder, desse modo, iniciar nossa pesquisa visando alcançar o que Freud estabelecerá, em “Luto e melancolia” (Freud, 1917[1915]/1977), como estado de luto e estado melancólico, aproximando-os e diferenciando-os quando se apresentavam ora como trabalho de luto, ora como solução melancólica.

A melancolia é contemporânea de seus primeiros estudos sobre a angústia havendo, assim, uma interpolação entre essas pesquisas. No “Rascunho G” (1897), Freud especificou sua etiologia marcando algumas analogias e diferenças entre ela e as neuroses denominadas por ele como atuais: a neurastenia e a neurose de angústia.

Frente à multiplicidade tão vasta de sintomas no quadro melancólico, Freud não pôde agrupá-los nem junto às psiconeuroses (a histeria e neurose obsessiva), nem às neuroses atuais. Todavia, certa aproximação com a neurose de angústia

acabou por se tornar viável, pela relação entre esta e a melancolia, conforme explicaremos em seguida.

Freud distingue duas fontes de excitação somática sexual: uma externa e outra interna. Afirma que diante das excitações exógenas a pessoa pode obter várias soluções, mas, frente às endógenas, há uma exigência, um trabalho, uma reação específica que se realiza quando a excitação tem a possibilidade de ligação com a esfera psíquica. Para haver angústia, explica-nos Freud, é preciso que a tensão física aumente até atingir um limite, despertando, então, o afeto psíquico. É necessário, também, que, por alguma razão desconhecida, a ligação psíquica (grupo de idéias) surgida não baste para que se constitua uma representação desse afeto sobre algum objeto de satisfação. Assim, a tensão desligada transforma-se em angústia. A falta de representação do objeto cria um decréscimo de libido psíquica e um acúmulo de tensão que permanece na esfera física, isto é, no corpo, produzindo angústia<sup>1</sup>.

Esta primeira teoria da angústia tem seu fundamento na idéia de uma tensão somática sexual transformada, postulação que Freud manterá durante muito tempo. Podemos, assim, dizer que na neurose de angústia configura-se, por mau emprego da energia sexual, uma insuficiência psíquica decorrendo, daí, uma variedade de sintomas corporais, ou seja, aparecem os inúmeros acontecimentos de corpo relatados por Freud, tais como: astenias, falta de apetite, falta de apetite sexual, cansaço, sonolência, perturbação nas atividades digestivas, taquicardias, para citar alguns poucos. Em contrapartida, nas psiconeuroses, devido à possibilidade de haver uma costura com o grupo de idéias, ocorrem tanto a satisfação quanto a descarga da tensão. Freud ainda acentua que na histeria e na neurose obsessiva, a idéia representativa do objeto que causa desprazer pode ser recalçada e substituída por alguma outra idéia desse grupo. Afirma que, mesmo nas psiconeuroses, há sempre um resto de libido que não se representa psiquicamente, razão pela qual será (também) convertido no corpo, em se tratando da histeria, ou em pensamentos fugidios, quando na neurose obsessiva.

São as cartas a Fliess que nos revelam, mais precisamente, as primeiras postulações teóricas de Freud sobre a afecção melancólica. Pela dificuldade em

---

<sup>1</sup>“[...] todas essas indicações, dizia eu, levam-nos a esperar que o mecanismo da neurose de angústia deva ser procurado em uma deflexão da excitação sexual somática na esfera psíquica, com conseqüente emprego anormal dessa excitação” (Freud, 1894/1977, p. 126)

situá-la num quadro definido, ele lhe atribui as mais diversas nomeações, dentre as quais: depressão periódica, branda, melancolia senil, histérica, de angústia etc. Vários são os escritos, cartas e rascunhos em que Freud se debruça sobre essas formulações. No *Rascunho A*, junto à carta de 18 de dezembro de 1892, encontramos sua pergunta: “Que é que faz parte da etiologia da depressão periódica?” (Freud, 1892/1977, p. 246). E ele mesmo responde: “A depressão periódica é uma forma de neurose de angústia que, exceto quanto a isto, se manifesta em fobias e ataques de angústia” (Loc. cit.).

Ao pensar a relação entre a neurose de angústia e a melancolia, Freud assinala nesta última um outro resultado, concernente à relação da tensão somática sexual com a representação psíquica. Na melancolia, há também um aumento da tensão por falta de satisfação, mas diferentemente do que se passa na neurose de angústia, “o buraco é na esfera psíquica” (Id., 1895/1977, p. 282), esse aparecendo como perda de libido. É importante que lembremos, aqui, que na obra freudiana, a libido é essencialmente excitação sexual-somática. A excitação, então, não será absorvida, permanecendo na fronteira entre o somático e o psíquico, gerando angústia e produzindo uma forma nova de melancolia de angústia. Essa nova forma consiste numa anestesia sexual no nível do prazer genital, podendo, disso, decorrer o empobrecimento da atividade psíquica.

Notemos, portanto, que essa diferença relativa ao aumento de tensão na angústia e na melancolia é referida à possibilidade de descarga. Na angústia, a tensão, de algum modo, se descarrega no corpo tomando várias formas ou ocasionando diferentes acontecimentos de corpo, tal como enumerados acima. Na melancolia, por sua vez, o que aparece é uma tensão sem pontos de ancoragem. Um corpo cheio de tensão e sem escoamento, seja pela via corporal, seja pela psíquica.

## 2.2

### O “Rascunho G”

Em 1895, Freud nos oferece um tratamento mais específico do assunto quando destaca três formas de melancolia distinguindo-as como: genuína aguda ou cíclica, neurastênica e de angústia. Do ponto de vista etiológico, o aspecto

comum entre elas é a manutenção da perda de um *quantum* de excitação do grupo psíquico, isto é, do grupo de idéias que se associam umas com as outras.

No intuito de aproveitar esse material, Freud estabelece alguns pontos de partida. Afirma, então, haver uma convergência entre a melancolia e a anorexia nervosa, justamente, por encontrar na anorexia uma absoluta falta de apetite que, traduzida em termos sexuais, seria a própria perda de libido: “A neurose nutricional paralela à melancolia é a anorexia nervosa [...] é uma melancolia em que a sexualidade não se desenvolveu” (Freud, 1895/1977, p. 276).

Nesse mesmo “Rascunho”, enviado a Fliess, é o sintagma *hemorragia* psíquica (Id., 1897/1977) que exprime a melancolia como um esvaziamento dos neurônios, um buraco na esfera psíquica, um furo ou uma ferida que atrai para si toda a libido, tornando-se, assim, responsável pelo empobrecimento do ego<sup>2</sup> e por sua conseqüente dificuldade em fazer vínculos novos<sup>3</sup>. O complexo melancólico inconsciente “se comporta como uma ferida aberta, atraindo a si as energias catexiais [...] provenientes de todas as direções e esvaziando o ego até este ficar totalmente empobrecido” (Ibid., p. 286).

Uma discussão das condições sob as quais um grupo sexual psíquico sofre a perda de libido será extensiva à construção de um diagrama esquemático da sexualidade e favorecerá a confirmação dos achados sobre as formas de melancolia acima referidas. Não nos deteremos em sua explanação, pois acreditamos que, para o interesse de nosso trabalho, basta recortar apenas o que se segue:

Podemos imaginar que se o ps. G. [grupo sexual psíquico] se defronta com uma grande perda de quantidade de sua excitação, pode acontecer uma retração para dentro (por assim dizer) na esfera psíquica, que produz um efeito sobre as quantidades de excitação contíguas. Os neurônios associados são obrigados a desfazer-se de sua excitação, o que produz sofrimento. (Ibid., p. 281)

Freud insiste no fato de que, na melancolia, o problema da dor é resultante da retirada da libido de todos os traços mnêmicos do objeto amado, por isso dói tanto. Trata-se, nessa *perda de libido*, não exatamente de perda, mas de uma concentração de energia, uma fixação da pulsão fora do ego. Não há representação

---

<sup>2</sup> Utilizaremos aqui o termo *ego* para nos referirmos à terminologia utilizada por Freud, assim como usaremos o termo *eu* quando se tratar do ensino de Lacan.

alguma de objeto que possa satisfazer a pulsão, a não ser a satisfação mortífera em torno dessa concentração libidinal, que se apresenta sem nenhuma representatividade e se manifesta no aparelho psíquico como alta tensão, como uma presença fixa e insuportável. A célebre metáfora da hemorragia psíquica, a partir da indicação de Lacan, fica, assim, situada, como presença do objeto. Quando não há escoamento para algum objeto de satisfação, a libido sempre se volta para "dentro" do aparelho produzindo um aumento de tensão que permanece no nível do intrapsíquico. Do “Rascunho G”, ressaltemos, o que mais nos diz respeito, é sua definição como uma hemorragia psíquica.

Entre 1893 e 1895, em vários casos tratados por Freud, por exemplo, no de Emmy e no de Elizabeth, a melancolia foi marcada por alguma aproximação com a neurose histérica. Esses dois casos de histeria mostram como as pacientes permaneciam sob uma representação intensa referida ao desejo sexual recalcado: “sua atenção devia estar em outra coisa, da qual as dores eram apenas um fenômeno acessório, provavelmente, portanto, em pensamentos e sentimentos vinculados a elas” (Freud, 1895/1977, p. 186). Essa semelhança, encontrada por Freud, sugere haver, nesse caso, certa concentração de tensão num ponto fixo, semelhante ao que se delineia como buraco na esfera psíquica – do qual sofre o melancólico. A diferença, porém, é que na histeria a tensão encontra uma idéia que, pelo menos em parte, a represente.

Nosso interesse, aqui, é, justamente, assinalar a especificidade da verdade da melancolia, a saber: seu desligamento dos objetos do mundo, a identificação com o objeto perdido, a agressividade contra esse objeto que retorna para o próprio eu, a via recriminatória pela qual a pessoa expressa o diapasão monótono das mesmas palavras e pensamentos. E, principalmente, como dissemos, ressaltar a metáfora da *hemorragia psíquica* que traduz o esvaziamento de libido produzido nos neurônios, restando como pura tensão, causa nos sujeitos melancólicos do sem sentido da vida, de um mundo informe, descolorido e sem razão<sup>4</sup>. Essa metáfora muito nos interessa, seja por ela expressar a leitura freudiana do que ocorre na

---

<sup>3</sup> No segundo capítulo, quando trabalharmos a teoria lacaniana da perda, teremos oportunidade de verificar como esse buraco, furo ou ferida, que funciona com atrator da libido, é consoante com o que Lacan chamará, no *Seminário, livro 10: A Angústia* (1962-1963/2005), a presença do objeto.

<sup>4</sup> Essa metáfora muito nos interessa, seja por ela expressar a leitura freudiana do que ocorre na melancolia, seja pelos desenvolvimentos que dela faz Éric Laurent em seu texto “Melancolia, dor

melancolia, seja pelos desenvolvimentos que dela fez Éric Laurent em seu texto *Melancolia dor de existir, covardia moral*, quando a ela se refere como uma *hemorragia subjetiva* indicando, assim, a divisão do sujeito e a conseqüente posição de objeto assumida por ele.

### 2.3

#### “Luto e melancolia”

Passamos agora a um momento de muita importância para o desenvolvimento de nossa dissertação. Uma vez que é de nosso interesse pensar o luto em sua estreita relação com a angústia e com o trabalho experimentado em uma análise, parece-nos fundamental sabermos, depois de aproximá-lo com o estado melancólico, distinguir o que se produz entre ego e o objeto quando, diante da perda, houver um trabalho psíquico ou uma melancolização do sujeito.

O artigo *Luto e Melancolia* será nosso guia neste item. Nesse artigo, Freud anuncia a nova teorização sobre o ego já iniciada em trabalhos como, “Sobre o narcisismo: uma introdução” (Freud, 1914/1977), e que continuará a se fazer em “O ego e o id” (Id., 1923/1977). Considerado como o texto princeps no que concerne ao trabalho de luto e à melancolia, o artigo de 1917 é escrito em conjunção com o belíssimo ensaio lírico, “Sobre a transitoriedade”, publicado no ano anterior (Id., 1916[1915]).

Nesse escrito, passados mais de quinze anos, Freud volta ao tema da melancolia, por meio da analogia com o trabalho do luto. Depois de algumas aproximações entre os dois temas, o autor será levado a afirmar, como dissemos acima, a radical diferença entre eles. Nada será mais importante para o estabelecimento dessa separação do que a relação do ego com o objeto,

Uma vez que seu interesse se voltava para as conseqüências no ego da perda do objeto. Vemos que o ego se degrada e se enfurece contra si mesmo, e compreedemos tão pouco quanto ao paciente a que isso pode levar a se modificar-se. [...] Do mesmo que o luto compele o ego a desistir do objeto, declarando-o morto e oferecendo ao ego o incentivo a continuar a viver. (Freud, 1917[1915]/1977, p. 290)

---

de existir, covardia moral”. Nesse artigo ele a ela se refere como uma hemorragia do sujeito em sua divisão. No capítulo dois voltaremos a esse texto (Laurent, 1995, p. 161).

Para avançar nas idéias do texto de 1917, é preciso nos debruçarmos, ainda que de forma não muito extensa, sobre os conceitos de ego e de identificação. Encontramos substrato justamente no mencionado artigo “Sobre o narcisismo: uma introdução”, no qual Freud examina detidamente a natureza da identificação. Com base nesse cuidadoso exame, Freud passa a considerá-la como uma etapa preliminar da escolha de objeto.

### 2.3.1

#### “Sobre o narcisismo”

O texto em questão penetra nos problemas das relações entre o ego e o objeto, distinguindo a libido do ego, da libido objetual, além de introduzir os conceitos de ego ideal/ideal do ego, base para o conceito de superego que será desenvolvido no artigo “O ego e o id” (Freud, 1924/1977).

Freud comenta, então, que o próprio estado narcísico dá origem a um eu ideal desfrutado como alvo de amor. Todavia, frente à perturbação de seu próprio julgamento crítico e do julgamento dos outros, o ego buscará uma nova forma ideal fora dele próprio. O ego constituirá, assim, um objeto supervalorizado: “A idealização é um processo que diz respeito ao objeto; por ela, esse objeto, sem qualquer alteração em sua natureza, é engrandecido e exaltado na mente do indivíduo” (Freud, 1914/1977, p. 111).

Nesse mesmo artigo, propõe, ainda, a idéia de um estado libidinal inicial, o auto-erotismo, etapa em que a libido se encontra toda investida no corpo. Interroga-se sobre a relação entre o auto-erotismo e o narcisismo, formulando, em seguida, sua resposta resolutiva da questão:

[...] uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo - uma nova ação psíquica - a fim de provocar o narcisismo. (Ibid., p. 93)

Vale ressaltar, no entanto, que é apenas mítica a existência de um ego primordial, na medida em que ele se constitui a partir das identificações.

Freud exemplifica, então, a retirada da libido dos objetos e sua subsequente reserva no ego diante das várias situações da vida tais como a doença, a perda amorosa (portanto, o luto), a perda do sono e a hipocondria como formas de

apreensão do corpo, aproximando-as às parafrenias. Assim, o ego, como objeto, é tributário desse momento em que ele próprio é investido libidinalmente.

É importante destacar que o fator determinante para fundamentar a báscula da aproximação e distinção entre luto e melancolia, que o texto freudiano deixa ver, é a dinâmica relativa à retirada da libido dos objetos do mundo e vertida novamente no próprio ego. Essa reserva guardada no ego diz respeito a, digamos, um momento de proteção do ego contra o mundo externo, tanto num caso, quanto em outro. Se ocorrer um trabalho psíquico de reinvestimento da libido nos objetos, estaremos diante de um sujeito enlutado. Todavia, caso ela permaneça retida no ego, mantendo assim a identificação do sujeito com o objeto perdido, teremos razões para supor estarmos diante de um caso de melancolia.

### 2.3.2

#### “O ego e o id”

Quando publica “O ego e o id”, Freud inaugura sua segunda tópica do aparelho psíquico. A dinâmica subjacente à melancolia, centrada nas relações entre o ego e o superego e já delimitada em “Luto e melancolia”, é aqui reiterada. Como anunciara no artigo “Sobre o Narcisismo”, Freud introduz uma nova hipótese sobre a identificação processada pelo ego com o superego. Esta identificação, resíduo da dissolução do Édipo, é, aqui, postulada como dessexualizada:

A transformação da libido do objeto em libido narcísica, que assim se efetua, obviamente explica um abandono dos objetivos sexuais, uma dessexualização – uma espécie de sublimação, portanto. (Freud, 1923/1977, p. 44)

O medo da morte é um bom exemplo desse abandono dos objetivos sexuais promovido pela identificação com o superego. Se o ego não se sente amado e protegido pelo superego, “ele se vê desertado por todas as forças protetoras e se deixa morrer” (Ibid., p. 75).

O superego deve sua posição especial junto ao ego por dois aspectos: um deles relativo à primeira identificação, no dizer de Freud, quando o ego era ainda fraco. O outro, por ser o herdeiro do complexo de Édipo e introduzir no ego os objetos que lhe são mais significativos. O superego surge, então, como herdeiro do complexo de Édipo, quando se efetua a identificação com o pai e o processo de

dessexualização dele como objeto. No caso da melancolia, segundo Freud, é através do processo de regressão provocado por alguma frustração que as pulsões pensadas como duais, Eros e Tanatos, se desintricam e o superego passa a mobilizar as moções destrutivas contra o ego: “O que está influenciando agora o superego é, por assim dizer, uma cultura pura da pulsão de morte, e, de fato com bastante freqüência obtém êxito de impulsionar o ego à morte [...]” (Freud, 1923/1977, p. 70). Freud não reluta em deixar ver que encontramos na melancolia o império da pulsão de morte. O sujeito melancólico habita as posições limítrofes da cena da vida.

Ao escrever “Luto e melancolia”, algumas dessas postulações ainda não haviam sido feitas, mas numa leitura *a posteriori* é possível vê-las anunciadas. Em 1917, sem abandonar a idéia de *hemorragia psíquica* trabalhada no “Rascunho G”, Freud modificará, então, seu ponto de vista sobre a melancolia. Além dessa definição, a melancolia será teorizada por outros parâmetros, sobretudo pela ação do superego.

Assim, a sombra do objeto caiu sobre o ego e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado. Dessa forma, uma perda objetual se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação (Freud, 1917[1915]/1977, p. 282).

Mesmo que o modelo do luto utilizado por Freud denote a semelhança com a melancolia pela relação de ambos com o objeto, cabe ressaltar que pelo fato de o luto ser apresentado mais como um modo de resolução e um mecanismo psíquico *normal* seu modelo não nos permite encontrar a especificidade da melancolia. Se, tanto na melancolia como no luto, a ligação estabelecida pelo ego com o objeto sofre uma ruptura, sabemos que na melancolia a libido não se endereça a um novo objeto, ao contrário, se retrai para o ego: “Outro exemplo de introjeção do objeto foi fornecido pela melancolia, afecção que inclui as mais notáveis de suas causas excitadoras: a perda real ou emocional de um objeto amado” (Ibid., p. 281).

O investimento objetual retraído no ego não foi empregado adequadamente, ele se prestou não para investir um objeto novo, mas para fixar a identificação com o objeto. A extraordinária metáfora para realçar essa retração é a não menos célebre: “a sombra do objeto caiu sobre o ego”.

Freud segue enfatizando o que constitui a diferença entre o trabalho de luto e a resposta melancólica, afirmando haver duas localizações do ego totalmente diferenciadas. No luto, a pessoa sabe o que perdeu no objeto, ao passo que na melancolia, ao contrário: “mesmo que o paciente esteja cômico da perda que deu origem à sua melancolia, é apenas no sentido de que sabe quem perdeu e não o que perdeu nesse alguém” (Freud, 1917[1915]/1977, p. 277). No luto, quando nos perguntamos o que perdemos em alguém ou em algum ideal, sempre respondemos com uma série de atributos: “cada uma das lembranças e expectativas isoladas, através das quais a libido está vinculada ao objeto, é evocada e hipercatexizada e o desligamento da libido se realiza em relação a cada uma delas” (Ibid.).

Na melancolia a pessoa se deixa prender, justamente, pelo aspecto da perda em si e não do que se perdeu em quem se perdeu. O superego, como vimos no artigo “O ego e o id” (1923), aparece como um agente externo, mas assume uma forma interna de cuja condenação sofrerá o ego permanentemente.

O melancólico se confronta com um mundo onde não há lugar para sua existência e a ele dirige sua amargura e dor. Pela via da regressão, todavia, ele se deprecia e se autorecrimina: “Encontramos a chave do quadro clínico: percebemos que as auto-recriminações são recriminações feitas a um objeto amado que foram deslocadas deste objeto para o ego do próprio paciente” (Id., 1923/1977, p. 280). A auto-recriminação refere-se ao objeto que foi incorporado ao ego e acentua gravemente a ambivalência amor e ódio na relação do ego com o objeto. Toda a série de degradação, aviltamento e revolta contra si nada mais é que o amor vertido em ódio ao objeto perdido e introjetado.

A dimensão do humano é caracterizada pelo conflito psíquico, gerador de dúvida, de divisão e de desejo. No terreno próprio da melancolia, o nada assume o lugar do tudo, reservando ao sujeito melancólico um lugar impossível de ser habitado entre os humanos. A morte habita o sujeito melancólico por ele ser cúmplice da morte do desejo, do querer nada, ou do nada querer. Parece ter apreendido a verdade última da aparência das coisas, sendo o suicídio, com freqüência, o encontro com a única verdade, ou seja, a morte:

[...] apenas, ele dispõe de uma visão mais penetrante da verdade do que outras pessoas que não são melancólicas [...] ficamos imaginando, tão somente, porque um homem precisa adoecer para ter acesso a uma verdade dessa espécie. (Freud, 1917[1915]/1977, p. 278-279)

E ainda, acompanhando Freud:

A análise da melancolia mostra que o ego só pode se matar se, devido ao retorno da catexia objetual puder tratar a si mesmo como objeto - se for capaz de dirigir contra si mesmo a hostilidade relacionada a um objeto, que representa a reação original do ego para com o objeto do mundo externo. (Ibid., p. 285)

## 2.4

### Dor

Não é sem dor que passamos pelo luto; não é sem uma dor profunda que se vive a melancolia.

Desde seu *Projeto para uma psicologia científica*, Freud formula a questão da dor em relação a um *quantum* excessivo de excitação. Essa concepção acompanhará toda sua obra: “a dor consiste na irrupção de grandes Qs [quantidades de energia] em psi” (Freud, 1895/1977, p. 408-409). A ultrapassagem de certos limites ocorrida nas experiências precoces de desprazer é percebida como dor, que assim será postulada em textos como “O Rascunho G”, de 1895, “Luto e melancolia”, de 1917[1915], até chegar ao “Adendo C”, de “Inibição, sintoma e angústia” (1926[1925]).

O processo econômico regerá o problema da dor mesmo depois da segunda tópica do aparelho psíquico. O transvazamento excessivo de libido acarreta um excesso de carga libidinal que, frente à impossibilidade de representação psíquica, torna-se incompatível com a homeostase pedida pelo aparelho. Essa alteração é dolorosa.

Lembremos que naquele *Rascunho*, Freud apresentara uma perspectiva da dor relacionada ao desligamento associativo ou ao desinvestimento libidinal. Todavia, a contradição com a definição da dor como quantidade excessiva de catexia é apenas aparente, se entendermos que o escoamento de energia de uma representação altamente investida carrega o redirecionamento de todos os investimentos laterais para essa representação em foco, como já dissemos.

No final do texto de “Inibição, sintoma e angústia”, no mesmo “Adendo C”, encontramos como subtítulo uma seqüência bastante pertinente a essa dissertação: *Angústia, Dor e Luto*. Nesse momento, Freud distingue esses três termos em sua relação com a perda do objeto. Assim, ele diz que a dor é uma reação à perda do

objeto, ao passo que a angústia é a reação à ameaça, ou ao perigo de que essa perda ocorra. O luto, por sua vez, é o trabalho despendido pelo aparelho psíquico para desligar as catexias do objeto perdido, uma a uma, e religá-las a um novo objeto que possa ser tomado no plano do amor.

Freud argumenta a favor de uma semelhança com o processo da dor física, desde que a concentração de uma intensa catexia no objeto perdido e de sua falta criam as mesmas condições econômicas da dor física:

Uma representação de objeto que esteja altamente catexizada pela necessidade instintual [pulsional] desempenha o mesmo papel que uma parte do corpo catexizado por um aumento de estímulo. A natureza contínua do processo catexial e a impossibilidade de inibi-lo produzem o mesmo estado de desamparo mental. (Freud, 1926/1977, p. 197)

Para nossa dissertação, é bastante relevante destacar como Freud circunscreve o objeto sobre o qual se processa esse trabalho. É importante destacar também como o trabalho se processa sobre esse objeto. Recordemos que despendemos algum tempo para desinvestirmos libidinalmente os laços amorosos com o objeto que havíamos privilegiado, ocorrendo, desse modo, um afastamento e, por fim, uma ruptura. Quando esse tempo finda, tornamo-nos capazes de amar novamente. Por essa razão, parece legítimo concluirmos que, de acordo com o ponto de vista freudiano, perdemos o objeto e ficamos com seus traços a trabalho. Isso nos permite dizer ainda que a conclusão do trabalho do luto revela a condição transitória do objeto. Ele terá certa duração no tempo podendo, mais tarde, ser substituído por outro de igual ou maior valor.

Freud afirmará que a identificação com o objeto perdido define a condição do melancólico. Nela, não há vestígios desse caráter transitório do objeto, ao contrário, a fixidez de sua presença abole o sujeito. No segundo capítulo, quando formos tratar da teoria lacaniana da perda, veremos Lacan dizer que, sob certo prisma, seu ponto de vista sobre o luto é ao mesmo tempo idêntico e contrário ao de Freud. As dificuldades inerentes a essa questão tornam-na instigante a ponto de nos propormos a trabalhá-la.

Como situar a aproximação e o distanciamento entre os pontos de vista teóricos de Freud e de Lacan? E mais, haveria de fato duas leituras diferentes, ou são duas leituras que se tangenciam?